

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/263542642>

# AS REZADEIRAS DA FESTA DO DIVINO DE MOGI DAS CRUZES: UM LEVANTAMENTO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Article · May 2014

---

CITATIONS

0

READS

118

1 author:



**Luci Bonini**

Universidade de Mogi das Cruzes

72 PUBLICATIONS 7 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Semiótica do Discurso [View project](#)



Observatório Cultural do Alto Tietê [View project](#)

# **PATRIMÔNIO IMATERIAL: INVENTÁRIO E REGISTRO DOS FAZERES DAS REZADEIRAS DA FESTA DO DIVINO DE MOGI DAS CRUZES**

Luci M.M. Bonini  
Rute Prieto  
Cristina Schmidt  
Eliana Meneses de Melo

## **1. Introdução**

As heranças imateriais são dignas de preservação porque estão ligadas à identidade de uma nação, de uma região ou de uma comunidade. No caso da Festa do Divino Espírito Santo no Brasil, muitos são os fazeres nas diversas celebrações ao longo de todo território nacional que merecem ser tombados como patrimônios, antes que a cultura de massa anule completamente as diferenças.

Esta festa originária de Portugal se espalhou pelo Brasil e, em cada região, foi adquirindo singularidades que fazem de cada uma delas uma celebração que conserva as mesmas vibrações religiosas da fé, por um lado, e por outro, tão diferentes em seus fazeres e saberes.

Em Mogi das Cruzes, cidade localizada na região do Alto Tietê do estado de São Paulo, a devoção ao Divino Espírito Santo é a mais antiga do Brasil, documentos encontrados nos arquivos da Câmara Municipal demonstram que em 1613 a população da Vila da Senhora de Santa Ana, já mantinha a devoção por ocasião da celebração de Pentecostes (CAMPOS, 2013).

Entre os vários eventos desta festa, alguns já foram objetos de pesquisas mais profundas como é o caso da Entrada dos Palmitos, uma procissão que serpenteia pelo centro da cidade na véspera do dia de Pentecostes, com milhares de devotos segurando suas bandeiras, carros de boi enfeitados e inúmeros grupos folclóricos que agradecem as graças recebidas. Esta procissão foi alvo de visita do escritor e defensor da cultura brasileira Mario de Andrade no ano de 1936. (RODRIGUES F° & DE CARLO F°; s/d).

Este estudo preliminar faz parte de um projeto de pesquisa que busca inventariar as referências culturais da região do Alto Tietê, suas festas folclórico-religiosas, entre as quais se destaca a Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes, de modo que este registro seja uma forma de convidar a uma reflexão mais profunda sobre a importância dos registros do patrimônio imaterial das expressões folclórico-religiosas da região em questão para o fortalecimento de políticas culturais adequadas de preservação da memória coletiva.

Com olhar voltado às manifestações culturais populares, o estudo avalia o percurso do sagrado nas casas dos devotos, onde as rezadeiras levam a possibilidade desse encontro. Dentro dos lares, os devotos pedem e agradecem cantando e orando em comunhão.

## **2. Patrimônio cultural imaterial**

As discussões sobre patrimônio imaterial no Brasil ainda são recentes. As preocupações mais antigas com a herança cultural são aquelas ligadas aos bens materiais, já que seus valores podem ser mais facilmente percebidos.

Para KUUTMA (2009) o debate sobre a preservação de bens imateriais é recente e vem crescendo de forma global, porém, faz emergir uma contradição, pois a herança cultural imaterial é uma abstração e por isso mesmo está sujeita ao caráter subjetivo que cada legado tem para os sujeitos. São diversas interpretações possíveis diante de fazeres e saberes, e, cabe aos pesquisadores decidirem quais devem ser preservadas, o que não é tarefa fácil. O autor ainda afirma que a expansão da preocupação com a preservação do passado e com o legado patrimonial popular vem num movimento crescente desde que veio a lume A Convenção para proteção do patrimônio mundial cultural e natural na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, (UNESCO), de 1972, e depois de três décadas, em 2013, com A Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.

Segundo o Instituto Nacional de Patrimônio Histórico e Artístico, IPHAN:

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural." Esta definição está de acordo com a **Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**, ratificada pelo Brasil em março de 2006.

A herança é o produto de um emaranhamento temporal: embora haja um apelo ao ‘enraizamento diacrônico’, a concepção de sua salvaguarda é um produto novo: é o presente pensando de que forma o futuro vai ver o passado preservado (KUUTMA, 2009).

Por ser novo é carregado de significados contemporâneos e ideologias que despejam novos olhares recheados de novos valores e reificados com a intenção de manifestar a etnicidade, a localidade, a história e as políticas culturais envolvidas no processo de catalogação, de armazenamento, descrição etc., de algo que já surgiu num tempo remoto, que pode estar em extinção ou não, que vem sendo valorado com o olhar de agora.

Recentemente a defesa de valores como qualidade de vida, proteção do meio ambiente e a preservação de referências culturais passou a ser entendida como direito do cidadão, pois por meio das garantias de preservação dos bens culturais é que grupos, antes sem voz própria, começam a ter reconhecidos seus direitos de preservar seu sentimento de pertencimento. (FONSECA, 2000)

Por isso, a herança cultural, para KUUTMA (2009), só se torna real quando alguém a identifica como tal. Assim, o que é intangível passa a ter importância para alguém que mantenha um olhar mais atento e mais especulativo aos fenômenos culturais. As questões culturais têm sido objeto de pesquisa sob vários aspectos: antropológicos, sociológicos, psicológicos, semióticos, museológicos, folclóricos e por causa disto mesmo, é que entendemos que este recente despertar para os estudos ligados à questão da herança cultural é um desafio multi e interdisciplinar. Várias áreas do conhecimento têm concorrido para o debate acerca das políticas de cultura no mundo, uma vez que já se sabe que a evolução das sociedades, altamente influenciadas pela cultura de massa, vem sufocando certas práticas rituais e muitos fazeres: alguns beiram à extinção, outros já desapareceram e nem mesmo uma memória dos mais velhos pode, sequer, recuperar.

A massificação desenfreada que ocorre no ocidente vem contaminando lentamente outras culturas e práticas de consumo oferecidas pela industrialização, mais ‘higiênicas’, menos duradouras e mais ‘espetacularizadas’ e que chamam mais atenção do que certas práticas consideradas antiquadas pelos mais jovens, adeptos das tecnologias que oferecem uma gama de produtos culturais efêmeros e plenos de significados das culturas desenvolvidoras destes produtos. Há um medo crescente de que as culturas ao redor do mundo venham a se tornar mais uniformes, justamente por causa da globalização, que por seu turno vem conduzindo, lentamente a uma diminuição da diversidade cultural e da riqueza que advém dela. (PIETROBRUNO, 2009)

Diferentemente destes bens culturais passageiros, as heranças culturais, sejam materiais ou imateriais, falam de um lugar, trazem um sentimento de pertencimento, por isso, o primeiro passo para preservá-las é ativar nos representantes das comunidades a sua importância, pois só assim, cria-se uma responsividade pública que alerte as autoridades para sua preservação.

FONSECA (2000) afirma que para que se protejam as referências é necessário conhecer, identificar suas características mais evidentes, adentrar seus detalhes e suas características intrínsecas. Enunciando-se, assim os detalhes, as minúcias, a fim de preservar traços culturais. Quando se trata de preservar traços de cultura, também, se trata de demonstrar poder, da mesma forma que na medida em que uma comunidade demonstra sua vontade de perpetuar seus saberes, ela está sob uma ótica política de poder, é uma resposta responsável às autoridades políticas para a reafirmação do seu sentimento de pertencimento.

Os desejos da comunidade vêm referendando a proteção dos bens culturais por duas vertentes: a primeira delas é a vontade de pesquisadores de preservar certos fazeres e saberes e daí estimulam as

comunidades a participar de pesquisas onde há relatos de vida, da mesma forma que esses intelectuais e pesquisadores ficam encarregados de construir e gerenciar museus, e, uma segunda vertente que é aquela em que líderes dessas comunidades percebem que a cada dia que passa, certos saberes despontam interesses econômicos ao redor do turismo, e que isso produz uma economia local que pode salvar e não só os bens culturais como prover recursos, mudar a economia de uma determinada localidade, como vem acontecendo no país.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN criou o registro de bens imateriais, instituído pelo Decreto 3.551/00, um instrumento que propõe a documentação e a produção de conhecimento como formas de preservação, que previa como bens imateriais quatro tipos de registros, dentro dos quais destacamos apenas dois, que se aplicam para este trabalho de pesquisa que busca caracterizar o saber-fazer das rezadeiras de Mogi das Cruzes: i) **celebrações**, para rituais, festas que marcam a presença de uma coletividade que pode ser no trabalho, na religião, no entretenimento ou outras práticas de vida social e ii) **saberes**, que se referem aos conhecimentos e modos de fazer que existem já há um tempo no cotidiano das comunidades. (INRC, 2000)

FERRETTI (2005) afirma que identificar um repertório de manifestações culturais que merece ser alcançado pelas políticas de salvaguarda, por ratificarem o amplo sentido da diversidade cultural do país e a identidade étnica desses grupos é de extrema importância e o Brasil, embora venha se preocupando de modo geral, tem ainda um grande caminho a percorrer, dada a diversidade de fazeres espalhada por todo o território nacional. O que se percebe num olhar mais rápido sobre as pesquisas é que, na maioria dos casos, há um jogo de interesses quando da escolha do que é prioridade, ou melhor, é difícil escolher quais são os bens merecedores de salvaguarda. Há muitos casos em que esta escolha conduz à ‘industrialização’ da herança e acaba por converter certos locais e fazeres em destinos turísticos para dar sustentabilidade às comunidades, ou para o enriquecimento de poucos que exploram certas atividades e produtos que delas decorrem.

### **3. Método**

Este estudo teve início em 2012 quando as pesquisadoras acompanharam uma rezadeira, que, interessando-se pelo assunto, juntou-se ao grupo de estudiosos que pesquisam as referências culturais da Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes.

Em 2013, acompanhou-se o evento desde a pré-novena, passando-se pela missa do envio, as visitas aos lares dos devotos e algumas outras ações dentro da festa, assim como a quermesse, a Entrada dos Palmitos, as Alvoradas, os cafés, as novenas e missas.

Em 2012, acompanharam-se quatro residências, dois estabelecimentos comerciais e uma instituição de ensino com duas rezadeiras diferentes. Em 2013 foram observadas quatro residências, um estabelecimento comercial e uma instituição de ensino e uma única rezadeira. Várias anotações surgiram destes encontros e muitas conversas registraram a impressão dos participantes dos eventos, mas focou-se principalmente, nas anotações advindas das observações dos fazeres das rezadeiras.

### **4. As rezadeiras da Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes**

#### *4.1 A Festa*

A devoção ao Espírito Santo tem suas origens em Portugal, com a Rainha Isabel, esposa de D. Diniz (1261-1325), com o viés da caridade e do agradecimento pelas graças recebidas, à fartura. Para Mariano (2005; 99): “Mesmo subordinada à religião católica, a festividade mantinha o caráter de culto dos vegetais e à natureza, incorporada, entre outros momentos, nas homenagens ao Divino Espírito Santo.” Este é apenas um exemplo de outras celebrações católicas que sufocaram festas e comemorações pagãs na Europa.

A Festa do Divino de Mogi das Cruzes tem características próprias (ARAÚJO, 2004), pois vem se mantendo há mais de um século com características bem demarcadas, ainda que dentro de uma cidade

que esta bem demarcada pela verticalização e com forte influência da mídia, que, no contexto atual, transformou a festa num espetáculo midiático bem conhecido na região do Alto Tietê.

Campos (2013) aponta que em 1613, a cidade de Mogi das Cruzes já cultivava a devoção ainda na categoria de Vila de Santa Ana de Mogi Mirim, pois um documento oficial da câmara revela que os moradores deveriam se dispor a arrumar o caminho de entrada da vila, depois do Espírito Santo.

Esta festa é um evento que dura dez dias e termina no domingo de Pentecostes, mas não é só isso. Há uma série de eventos que precedem estes dez dias, entre eles as coroas do divino, uma reza que visita a casa dos devotos e se estende do mês de janeiro até a semana que precede a festa. As rezas têm dois objetivos: i) preparar os devotos para a celebração maior e ii) buscar fundos para auxiliar as despesas da festa.

Como as muitas festas populares, esta não é diferente, pois apresenta uma divisão de atividades, que podem ou não trazer provisionamento de fundos, que podem ser folclóricas ou religiosas, nosso foco está nesta última.

A festa de Mogi das Cruzes é uma das maiores e mais antigas do Brasil, e como todos os grandes eventos que atualmente interferem na estrutura econômica e turística de uma localidade, fez emergir a Associação Pro Festa do Divino, formada por ex-festeiros com o objetivo de auxiliar os mais jovens. Acompanhando a modernidade, a organização criou um site na internet onde divulga algumas ações e notícias veiculadas pela mídia. Embora esta fonte de informação não venha sendo atualizada constantemente, é possível encontrar dados históricos, notícias e endereços úteis que fundamentam os eventos folclóricos e religiosos que juntos fazem a festa.

Segundo o site da associação, a festa se compõe dos seguintes eventos: preparativos e abertura da festa, alvoradas e passeatas, quermesse, entrada dos palmitos e procissão. Os preparativos vão desde a escolha dos festeiros para o ano seguinte, tão logo se encerre a festa, promovem-se eventos mensais para angariar fundos um deles é a pré-novena que acontece no segundo domingo de cada mês, com a Coroa do Divino com as rezadeiras, na casa da festa, como é conhecida a sede da Associação. Neste evento mensal, que tem início em Agosto, logo após a reza, é servido um café e realiza-se um bingo. Há também pré-novenas nas casas dos devotos. As rezadeiras vão de casa em casa, orando e recolhendo os pedidos dos devotos e captando doações.

A abertura da festa se dá 10 dias antes do domingo de Pentecostes, numa quinta feira com a passeata das bandeiras que inaugura o Império, altar construído na praça principal da cidade em frente à catedral, para onde todos os devotos se dirigem a fim de receberem as bênçãos em suas bandeiras, durante os dez dias que seguirão o Divino Espírito Santo reinará na cidade.

Nas madrugadas que seguem acontecerão as Alvoradas, uma procissão que começa às cinco horas da manhã partindo do Império e caminhando pelas ruas da cidade, durante a semana, este evento atrai em torno de 500 a 800 pessoas, já nos finais de semana e no Domingo de Pentecostes, há em média 1200 pessoas, calculados pelos organizadores do café, que é distribuído no salão paroquial, tão logo termine a procissão. Durante as Alvoradas reza-se a Coroa do Divino, mesma oração entoada pelas rezadeiras. Para cada dia são convidados os puxadores da reza, que são pessoas e organizações ligadas à festa. Como o número de pessoas vem aumentando ao longo dos anos providenciou-se um carro de som para que todos ouçam e respondam a oração.

Estas e demais procissões durante a festa são momentos importantes, que, segundo GONÇALVES & CONTINS (2008: 82):

(...) estabelece contatos não apenas entre os seres humanos e o Divino, mas igualmente entre a irmandade e o bairro onde esta se situa. O bairro, que habitualmente é local de transações profanas, de ordem comercial, com o tráfego intenso de automóveis e ônibus, modifica-se nos dias de procissão.

A quermesse, outro evento que se desenrola ao longo dos dez dias é bastante concorrida, as barracas que servem comidas são todas ligadas a instituições beneficentes da cidade. A Associação também tem sua barraca para arrecadar fundos, que serve o afogado, prato de carne cozida com batata. São servidos por noite, em média de 2000 a 2200.

Grupos folclóricos também saúdam o Divino ao longo da festa: as folias do divino acompanham as alvoradas, e, as congadas e marujadas fazem suas apresentações no palco da quermesse e participam da Entrada dos Palmitos. Esta última é o maior evento em número de pessoas num único dia de festa, em 2013 a Polícia Militar calculou a presença de vinte mil pessoas. Esta procissão tem suas origens na ação de graças pela colheita, assim como relembra as origens da festa em Portugal.

A Entrada dos Palmitos está organizada de modo que na frente o Imperador, menino escolhido para representar o poder nestes dias de festa, abre a procissão, seguido dos festeiros, de milhares de devotos com suas bandeiras, autoridades locais, grupos folclóricos, escolas da rede pública e particular e turistas, por fim carros de boi enfeitados com legumes e frutas e cavaleiros de diferentes romarias vindo de outras cidades. Depois de encerrada esta procissão os romeiros se dirigem ao local da quermesse onde é distribuído o afogadão. Este prato é distribuído gratuitamente, como um ato de gratidão aos romeiros que vieram de longe prestigiar o Divino Espírito Santo. Nos últimos anos, a distribuição do afogadão já atingiu a marca de oito mil pratos. Este ato remonta o início da festa em Portugal, fazendo menção à Rainha Isabel, que distribuía alimento aos pobres.

Seguem outros eventos de rua, como a procissão com os tapetes feitos pelos voluntários de escolas, patrocinadores e voluntários, e eventos religiosos dentro da Catedral de Santana: a novena, missa que acontece à noite, para a qual são convidados todos os padrinhos e madrinhas que colaboraram com a festa, que são pessoas que ofereceram suas casas para as coroas, que doaram prendas para os bingos ou fizeram doações em dinheiro.

Em todos estes festejos e eventos estão presentes os festeiros e os capitães do mastro, guardiões dos símbolos sagrados: a pomba, a bandeira, o mastro, a coroa e o império. A pomba branca representa o Divino Espírito Santo, tal qual se manifestou no batismo de Jesus Cristo; as bandeiras, na maioria dos casos vermelha, são os estandartes da fé, todas trazem o desenho da pomba, algumas sustentam as sete fitas representando os dons, a saber: azul – sabedoria; prata – entendimento; verde – conselho; vermelho – fortaleza; amarelo – ciência; azul escuro – piedade; roxo – temor de Deus. As fitas, geralmente são renovadas todos os anos, pois elas também são portadoras de pedidos dos devotos, cada nó dado numa fita é um pedido ao Divino Espírito Santo. As fitas podem ser incineradas em duas ocasiões: no fogo sagrado da Alvorada do Domingo de Pentecostes ou no ritual de queima dos pedidos das caixas das rezadeiras no final da festa, também no mesmo dia, quando se fecha o império.

Outro símbolo é o mastro, que fica sob responsabilidade do casal de capitães, que manda preparar a bandeira e aguarda o primeiro dia da festa, em que todos se encontram, e partem de sua casa em cortejo, em direção ao Império onde a bandeira será apresentada e por dez dias estará em sintonia com todos os eventos que ocorrem na praça.

O Império é uma tenda que se constrói na Praça da Catedral, ele é renovado a cada festa e está sob a responsabilidade do festeiro, que, normalmente pede a colaboração de artistas locais para decorá-lo. O Império abriga, durante os dez dias, todos os símbolos a pomba, as bandeiras, a coroa e o cetro. Estes dois últimos, símbolos da importância e da responsabilidade herdados da tradição portuguesa são carregados pelo festeiro, que, antigamente, ostentava o título de imperador. (ASSOCIAÇÃO PRO-FESTA)

O poder local, entendendo a tradição e a complexidade da festa fundou o Museu da Festa do Divino Espírito Santo, que tem por objetivos principais: fomentar as pesquisas sobre a Festa; recolher, armazenar e disponibilizar toda espécie de acervo concernente ao evento (fotos, cartazes, obras de arte, livros, objetos devocionais, bem como material de divulgação e de registro) a todos aqueles que se interessem pela história da Festa e pela devoção ao Espírito Santo. São políticas culturais que buscam preservar a memória e valorar os bens culturais advindos da festa do divino para salvaguardar a memória deste evento de grandes dimensões. O Museu recebeu o nome de Professora Amália Thereza Manna de Deus, uma homenagem feita pelo seu grau de comprometimento com a organização da festa e pelo papel de grande voluntária que ela representa na história da Festa do Divino de Mogi das Cruzes. (CAMPOS, 2013)

#### *4.2 As rezadeiras*

O que se pretende neste trabalho é demonstrar a importância do trabalho das rezadeiras, e a forma como elas empreendem o fortalecimento da fé dos devotos, captam recursos para auxiliar nas despesas da festa e como se desdobram nas suas atividades nos quase cinco meses que antecedem a festa que movimenta, mais de duzentas mil pessoas, entre turistas, devotos e voluntários.

A história das rezadeiras é recente em relação às outras atividades que se desenrolam na festa do Divino de Mogi das Cruzes. Suas atividades surgiram no ano de 1974 a pedido de uma das voluntárias da equipe que servia o café na casa paroquial, depois das alvoradas. (CAMPOS, 2013)

No dizer de COSTA & CASTRO (2008:128):

Patrimonializar uma tradição local atribuindo a ela importância de relevância nacional para a construção da memória, da identidade e da formação da sociedade brasileira por mais venerável que seja é, de certa forma, expropriar as experiências vivenciadas possibilitando que esses saberes não mais se vinculem às paixões individuais que os mantêm vivos no interior do seu grupo portador.

Por esta razão, este trabalho procura descrever e avaliar o saber-fazer das rezadeiras gerando conhecimento a respeito de sua existência a importância no contexto da festa, porque, embora recente, este patrimônio imaterial é uma referência cultural que partiu de um representante do povo, uma devota que obteve autorização do Bispo, em 1974, para levar a imagem do Divino às casas de outros devotos.

A atitude de D. Rita se espalhou, e, alguns anos depois, em 1989, às pessoas que já rezavam o terço, passaram a fazê-lo com apenas sete ave-marias, uma para cada dom atribuído ao Espírito Santo (CAMPOS, 2013).

SANTOS & REGATO (2010:25) assim descrevem a precursora das rezas:

Dona Rita, que faleceu em outubro de 2008, foi uma das precursoras dos grupos de rezadeiras – antigamente formado só por mulheres, mas, que hoje também admitem homens. Orgulhava-se de nunca ter deixado de participar da festa durante toda sua vida. Segundo ela, que nunca revelou a idade, eram as andanças, orando de casa em casa, que renovavam sua fé no Divino e, principalmente no ser humano.

Dois anos depois se criou a Reza comunitária do Terço do Divino Espírito Santo, com um texto que enfatizava os sete dons e na conta maior rezava-se: *“Oh Maria, que por obra do Divino Espírito Santo, concebestes o Salvador, rogai por nos!”*. A prática estendeu-se pelos bairros da cidade, havia os pedidos dos devotos para a realização das rezas ou em função da festa que estava por vir ou para agradecer as graças recebidas.

A relação que se estabelece entre Deus e os homens sempre vem intermediada pelas orações ou pelas rezas. O verbo rezar, etimologicamente vem do latim – *recitare*, que por sua vez denota falar em voz alta, de modo claro e cadenciado. Justamente a tarefa das rezadeiras: puxar a reza de todos que querem em uníssono pedir ou dar graças ao Espírito Santo.

Em 1993, uma das rezadeiras e voluntárias da festa, Amália Manna de Deus, cujo nome batizou um dos museus da cidade, numa viagem para Minas Gerais, aprendeu a Coroa do Divino, trouxe para Mogi das Cruzes e apresentou ao bispo. A reza foi autorizada oficialmente, a partir de então todos os anos, os folhetos são impressos em papel *couche* vermelho, que traz na capa que o logo da festa, os nomes do casal de festeiros e do casal de capitães do mastro, na contra capa vem uma palavra do bispo, na quarta capa, vêm o endereço da página na web da Associação Pro Festa do Divino.

As primeiras páginas trazem as sete divisões da coroa, uma para cada dom do Espírito Santo, e em seguida aparecem outras orações que podem ser feitas escolhidas pelas rezadeiras ou pelos donos da casa que as recebe. Algumas letras de música também acompanham as orações, são músicas conhecidas entre os devotos que entoam as canções ao final da coroa.

A coroa do Divino leva este nome em homenagem ao símbolo real, memória de sua origem portuguesa, e é uma oração, em parte cantada, em parte recitada. Algumas partes apenas pelas rezadeiras,

outras por todos os presentes, neste percurso percebem-se as dimensões coletivas e individuais bem demarcadas pela hierarquia entre a rezadeira/rezador, pessoa escolhida pelas suas virtudes, pelas suas constantes presenças como voluntários dedicados à festa, exatamente como manda a tradição. São os voluntários mais devotados que recebem a missão de ser rezadeira ou rezador.

Em 2013, quando se celebraram os 400 anos de devoção, a missa do envio das rezadeiras, que acontece sempre em janeiro, contava com quase cem membros. Do mês de janeiro até uma semana antes da festa elas agendam suas visitas nas casas dos devotos, que o fazem com antecedência com a rezadeira mais próxima da sua casa. As rezadeiras da festa do Divino de Mogi das Cruzes fazem o trabalho preparatório para a realização das promessas

A oração é dividida em três partes: o rito inicial, os pedidos pelos dons do Divino Espírito Santo e o rito final.

O rito inicial contém as invocações ao Divino, em seguida faz-se a leitura do Evangelho do dia, não havendo necessidade de interpretações, todo este ritual contém falas da rezadeira e dos devotos.

A segunda parte é composta de sete orações, cada uma se refere a um dom, e ela está dividida numa invocação cantada por todos, numa fala individual, por um leitor convidado pelo dono da casa ou pelo próprio dono, e a fala conjunta, em que todos irmanados, se concentram e se preparam para seus pedidos e agradecimentos. Para compor este ritual, normalmente a rezadeira pede ao dono da casa que escolha entre os presentes os leitores para os dons e para as invocações à Maria. Normalmente quem recebe as tarefas de leitores, sentem-se honrados pelos donos da casa.

Assim se divide esta parte:

1º Mistério: Dom da Sabedoria, onde todos entoam o cântico:

**Cântico:** *'Senhor, vem dar-nos sabedoria, que faz ver tudo como Deus quis, e assim faremos da Eucaristia o grande meio de ser feliz. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!'*

Em seguida o primeiro leitor, lê a explicação sobre o dom da sabedoria, explica que sua cor e o azul claro e pede:

**Leitor no. 1:** *'Vinde Espírito da Sabedoria, desprende-nos das coisas da Terra e infundi-nos o amor pelas coisas do céu.'*

Todos repetem por sete vezes:

*Vinde Espírito Santo, enchei os corações de vossos fieis e acendei neles o fogo do vosso amor, vinde e renovai a face da Terra.'*

Ao final, todos dizem:

*'Oh Maria, que por obra do Espírito Santo, concebestes o Salvador, Rogai por nos!'*

Na sequência vêm os outros mistérios, cada um apresentando o pedido de um dom e as jaculatórias que se repetem:

2º Mistério

**Cântico:** *'Dá-nos, Senhor, o entendimento, que tudo ajuda a compreender para nós vemos como é alimento o pão e o vinho que Deus quer ser. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!'*

**Leitor no. 2:** *Vinde Espírito de Entendimento, iluminaí a nossa mente com a luz da Eterna Verdade e enriquecei-a de puros e santos pensamentos.*



*Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)*

*Ó Maria, ...*

### 3º Mistério

**Cântico:** *'Dá-nos, Senhor, o teu conselho, que nos faz sábios para guiar: homem, mulher, jovem e velho, nós guiaremos ao santo altar. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!*

**Leitor no. 3** *Vinde Espírito de Bom Conselho, fazei-nos doces às Vossas santas aspirações e guiai-nos no caminho da salvação.*

*Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)*

*Ó Maria, ...*

### 4º Mistério

**Cântico:** *'Senhor, vem dar-nos a fortaleza, a santa força do coração. Só quem vencer vai sentar-se à mesa: para quem luta Deus quer ser pão. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!*

**Leitor no.5:** *Vinde Espírito de Fortaleza, dai-nos força, constância e vitória nas batalhas contra os nossos inimigos espirituais e corporais.*

*Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)*

*Ó Maria, ...*

### 5º Mistério

**Cântico:** *'Senhor, vem dar-nos a divina ciência, que como o eterno, faz ver sem véus: Tu vês por fora, Deus vê a essência, pensas que é pão, mas é nosso Deus. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!*

**Leitor no.5:** *Vinde Espírito de Ciência, sede o Mestre de nossas almas e ajudai-nos a praticar os Vossos santos ensinamentos.*

*Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)*

*Ó Maria, ...*

### 6º Mistério

**Cântico:** *'Dá-nos, Senhor, filial piedade, a doce forma de amar enfim: para que amemos quem na verdade, aqui amou-nos até o fim. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!*

**Leitor no.6:** *Vinde Espírito de Piedade, vinde morar em nossos corações, tomai conta deles e santificai todos os seus afetos.*

*Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)*

*Ó Maria, ...*

### 7º Mistério

**Cântico:** *‘Dá-nos, enfim, temor sublime, de não AMÁLOS COMO CONVÉM: O Cristo-Hóstia, que nos redime, o pai celeste, que nos quer bem. Dá-nos Senhor, este dom esta luz, e nos veremos que o pão é Jesus!*

**Leitor no.7:** *Vinde Espírito do Santo Temor de Deus, reinai em nossa vontade e fazei que estejamos sempre dispostos a antes sofrer e morrer que Vos ofender.*

*Vinde Espírito Santo, ... (sete vezes)*

*Ó Maria, ...*

Encerrada esta segunda parte, vem o rito final, onde há as três invocações a Maria, Oração ao Divino Espírito Santo, a oração do Pai Nosso e a oração final.

Algumas rezadeiras optam por fazer outras orações que constam do folheto e que normalmente, também, são feitas durante as Alvoradas.

Cada rezadeira/rezador tem seus apetrechos: os básicos são a bandeira, os folhetos da reza, o cofre onde se depositam as doações em dinheiro, estes objetos são emprestados pela Igreja, são sempre de madeira com um cadeado. Uma outra caixa, que elas mesmas preparam e enfeitam, é a caixa onde os devotos depositam seus pedidos, normalmente são simples, muitas são de papelão enfeitado com motivos relacionados. Algumas rezadeiras têm aparatos mais sofisticados: altares desmontáveis, velas e fitas coloridas para adornar seus altares, e normalmente elas possuem uma toalha vermelha, ou vermelha e branca, símbolos do Divino.

A presença de velas acesas durante toda a Coroa do Divino, assim como a toalha vermelha e a imagem da pomba num altar fazem parte do ritual. Há altares mais bem elaborados, há devotos que mantêm em suas casas altares definitivos, com a presença de todos os elementos.

Elas também trazem consigo, pedaços de papel e canetas para que todos os participantes possam registrar seus pedidos e colocar nas caixas. Estes pedidos serão queimados no domingo de Pentecostes, antes do encerramento da festa, numa fogueira que se faz em frente ao Império. Todas as rezadeiras, após a missa de encerramento da festa se unem na praça onde se desenrolam todas as atividades principais, diante da Catedral e do Império, e, queimam os pedidos feitos pelos devotos ao longo de quase um ano de peregrinação, desde a pré-novena. Ainda na noite do domingo de Pentecostes, os festeiros e capitães fazem o encerramento da quermesse e à meia noite fecha-se o Império, marcando o término da festa.

Durante as rezas, normalmente, quem oferece a casa, oferece também um lanche, um café, ou algum tipo de comida, pois está aí o princípio da comemoração. Depois que se fazem os pedidos, comer juntos significa a abundância, a fartura, justamente o liga à tradição dentro da qual a festa teve origem.

A devoção espiritualizada na oração conjunta se individualiza, pois cada um formula em segredo seu pedido, e nos pedidos em voz alta, a assembleia pede coletivamente em nome dos doentes, dos idosos, das crianças, de parentes próximos ou distantes, de pessoa amigas, ou mesmo para eventos futuros da coletividade. Costuma-se pedir para que a festa traga bastantes devotos que os festeiros sejam abençoados e possam ter energia e fé para a maratona de visitas e eventos paralelos que se realizam normalmente logo após o sábado de aleluia.

No rito final da reza, pede-se a benção ao Divino Espírito Santo, as rezadeiras e quem mais trouxe a bandeira, passa por todos os presentes, para que eles recebam as graças. Beijar a bandeira e dar nó nas fitas que são amarradas nos mastros é uma prática bastante comum entre os devotos. Os nós nas fitas, representam pedidos que cada um faz, e que serão queimados juntamente com os papéis no último dia da festa. Enquanto a bandeira passa pelos devotos, enquanto isso todos cantam músicas populares já consagradas por estas festas em todo Brasil.

Muitas rezadeiras possuem uma carteira de devotos, ou seja, elas já se disponibilizam para aqueles que só têm disponibilidade nos finais de semana, ou outros que só podem neste ou naquele horário, enfim, elas se orientam de acordo com ‘seus companheiros’ de oração. A rezadeira acompanhada ao longo de 2013 visitou 38 locais entre residências, instituições de ensino, clube de crochê, de clube de pintura e uma instituição de apoio ao combate ao câncer, num total de 556 pessoas.

As rezadeiras formam uma comunidade que compartilha um sentimento de pertencimento, são pessoas cujo sentido de identidade emerge de um relacionamento religioso e ao mesmo tempo histórico

compartilhado, que está enraizado na prática e/ou na transmissão de suas heranças. Estes sujeitos compartilham experiências, ferramentas e práticas, recriam e transmitem suas experiências a outros praticantes ou aprendizes, muitas rezadeiras têm suas auxiliares. Esta rede tem pontos em comum, muitas pessoas que compartilham destes momentos, encontram-se apenas para este fim porque compartilham da devoção.

### **Considerações finais**

As referências culturais aqui descritas, levam a outras reflexões sobre a herança imaterial que cada uma leva junto de si: os cânticos, as entonações de vozes, a escolha de vozes para complementar ou modular os tons, a escolha das músicas, cantadas ou tocadas eletronicamente, as diferentes concepções na criação dos altares, dos terços de sete mistérios e das bandeiras que complementam os rituais.

As referências culturais imateriais ou intangíveis não são peças acabadas de museu, são, sim, organismos vivos, em constante processo de mutação, dada a singularidade de cada um, de seus aprendizes e sucessores que se renovam e se recriam nos rituais, nos objetos e nas orações, mesmo, pois na história das rezadeiras vê-se que elas chegaram a um modelo anos depois de a ideia ter sido colocada em prática, foi um constante movimento para se chegar a um padrão de texto, vozes e papéis que cada um dos presentes desempenha no ritual e isto não cabe como peça de museu.

O registro destes bens deve ser constante, ser realizado diferentemente do que vem sendo feito com o patrimônio material, não se pode quantificar celebrações, ofícios, formas de expressão e modos de fazer porque se corre o risco de separá-los do fenômeno complexo de que fazem parte. Há que se considerar que novas formas de registro e armazenamento destas informações, assim como profissionais preparados para lidar com novos métodos de catalogação, descrição e armazenamento, para que se dê o devido trato na divulgação destas referências. Tradições orais, práticas sociais, saberes e fazeres que representam a identidade de uma comunidade, que mantêm um sentimento de pertencimento precisam ser preservados.

### **Referências**

ARAUJO, A. M. R.C. A cultura e a memória da festa do Divino de Mogi das Cruzes. Proj. História São Paulo, (28). 2004. 419-423

ASSOCIAÇÃO PRO FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. [www.festadodivino.org.br](http://www.festadodivino.org.br)

CAMPOS, J.F. (Org. e Dir.) *O Divino em Mogi das Cruzes: quatrocentos anos de devoção, aspectos históricos e iconográficos*. Mogi das Cruzes: Associação pro festa do Divino Espírito Santo. 2013.

CHAVES, R.B. Festa do Divino Espírito Santo em Mogi das Cruzes. *Rev.Nures*. Pontifícia Universidade Católica SP. n. 15 mai/ago 2010

COSTA, M.L. & CASTRO, R.V. Patrimônio imaterial nacional: preservando memórias ou construindo histórias? *Estudos de Psicologia* 13(2), 125-131. 2008.

COROA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. *Folheto da Festa do Divino 2013*. Mogi das Cruzes: Associação pro festa do Divino Espírito Santo. 2013.

FERRETTI, S. F. *Catálogo da exposição Divino Toque do Maranhão*. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e cultura Popular/ IPHAN/MEC. 9-2. 2005.

FONSECA, M. C. L. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In. *O registro do Patrimônio Imaterial*. 2000. In: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3305>. Acesso em 14.07.2012

GONÇALVES, J.R.S. & CONTINS, M. Entre o divino e os homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 67-94, jan/jun 2008

INVENTARIO NACIONAL DE REFERENCIAS CULTURAIS: *Manual de aplicação*. Apresentação de Celia Maria Corsino. Introdução de Antônio Arantes Neto. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2000.

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>. Acesso em: 12/07/2013

KUUTMA, K. Cultural heritage: na introduction to entanglements of knowledge, politics and property. *Estonian Literary Museum*. University of Tartu. Vol. 3(2): 5-12. 2009.

MARIANO, N.F. O Divino de Mogi: uma festa tradicional na metrópole. Anais do X *Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo. 1-26. Mar de 2005.

\_\_\_\_\_. *Religiosidade popular e espetáculo: a Festa do Divino de Mogi das Cruzes – SP*. Cadernos CERU, serie 2, v. 9, nº. 2. 93-111. Dez 2008.

\_\_\_\_\_. De todas as cruzeiras de Mogi – O Divino Espírito Santo também faz festa em Biritiba Ussu. *XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária*. São Paulo. 8575-8588. 2009

MOGI NEWS. *Rezadeiras querem visitar 2 mil famílias*. Jornal Mogi News. 13/04/2010

PIETROBRUNO, S. Cultural research and intangible heritage. *Cultural Unbound*. J of Current Cultural research. Vol.1 2009: 227-247

O DIÁRIO. *Rezadeiras levam fé às casas*. 27.05.2009

RODRIGUES F°, J.M. & F° DE CARLO, J. *Das origens à Festa do Divino*. Mogi das Cruzes SP. s/d

SANTOS, L. & REGATO, R. *Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes: três séculos de tradição*. São Paulo: Ed. dos Autores. 2010

SCHMIDT, C. Sabores populares na mídia do Alto Tietê. *RIF* Vol. 10(20),. Ponta Grossa. PR. 21-43. 2012.

SOUZA F°, B., ANDRADE, M.P. Patrimônio imaterial de quilombolas – limites da metodologia de inventário de referências culturais. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. Ano 18, no. 38, 75-99. jul/dez 2012

